Silvia A. Palazzi Zakia

Orientador:
Prof. Dr. Mário Henrique
Simão D'Agostino

Brazil builds em Campinas: uma ferramenta simbólica da estratégia de legitimação de implantação do plano de melhoramentos urbanos

Resumo

Este artigo traz uma abordagem da mostra de arquitetura *Brazil Builds* apresentada em Campinas, em fevereiro de 1945. A cidade fez parte do circuito de exibições da mostra, que teve início em 13 de janeiro de 1943, no Museum of Modern Art de Nova York (MoMA).

A apresentação da mostra de arquitetura propicia uma reflexão sobre o equacionamento dos diversos interesses envolvidos em torno de sua realização na cidade. O empenho do poder público e de setores da elite local desvela uma teia de interesses vinculados à exposição de arquitetura. O objetivo maior é a discussão das estruturas locais de poder que se beneficiaram da dimensão simbólica da arte, utilizando a mostra de arquitetura como um instrumento que colabora na legitimação da implantação de um plano de urbanismo para a cidade – o Plano de Melhoramentos Urbanos –, que vinha sendo desenvolvido pelo urbanista Prestes Maia, contratado pela prefeitura da cidade desde 1934. Esse plano fazia parte de um grande projeto de inserção da cidade na modernidade.

Palavras-chave

Exposição *Brazil Builds*, política de boa vizinhança, Plano de Melhoramentos Urbanos de Campinas.

Brazil builds en campinas: una herramienta simbólica de la estrategia de legitimación de implantación del plan de mejorías urbanas

Resumen

Este artículo trae una reflexión sobre la exposición *Brazil Builds* que se presentó en Campinas en febrero de 1945. La ciudad era parte del circuito de la exposición que comenzó el 13 de enero de 1943 en el Museum of Modern Art de Nueva York (MoMA).

El evento nos lleva a reflexionar sobre cómo se han concertado los distintos intereses involucrados en su realización en esa ciudad. Los esfuerzos del poder público y de sectores de la elite local evidencian una tela de intereses relacionados a la exposición de arquitectura. El objetivo principal es discutir las estructuras de poder locales que se han beneficiado de la dimensión simbólica del arte, usando la exposición como instrumento para legitimar la implantación de un plan de urbanismo para la ciudad (Plan de Mejorías Urbanas), que fue desarrollado por el urbanista Prestes Maia, contratado por la alcadía de la ciudad desde 1934. Ese plan era una parte de un gran proyecto para modernizar la ciudad.

Palabras clave

Exposición *Brazil Builds*, política de buena vecindad, Plan de Mejorías Urbanas de Campinas.

Brazil builds in campinas: a symbolic tool of the strategy to legitimate the implementation of the urban-improvement plan

Abstract

This article presents a discussion of the *Brazil Builds Architectural Exhibition*, held in Campinas in February 1945. Campinas was part of the exhibition tour that began on January 13, 1943 at the Museum of Modern Art (MoMA), New York, USA.
Brazil Builds provides us with an opportunity to reflect on how the various interests involved in holding the Campinas event were brought together. The public authority and local elites commitment to the event revealed a web of interests linked to the architectural exhibition. The primary aim of the present article is to discuss how the local power structures took advantage of this symbolic dimension of art by using the exhibition as a tool to help legitimate the city's urban-improvement plan (Plano de Melhoramentos Urbanos), a greater project to modernize the city. This plan was developed by the urbanist, Prestes Maia, hired by the local government in 1934.

Key words

Brazil Builds's Exhibition, good neighbour policy, Improvements Urban Plan of Campinas.

Introdução

Boa parte da historiografia da arquitetura moderna brasileira faz referência à mostra *Brazil Builds*. Muitos autores atribuem à exposição um papel relevante na divulgação da arquitetura moderna brasileira no âmbito internacional; outros tantos postulam sua importância como fator de afirmação da vertente moderna sobre a acadêmica no seio das querelas que grassavam, internamente, nos meios culturais do país.

Pouco se comenta, no campo da disciplina Arquitetura, as repercussões da mostra apresentada em cidades brasileiras, criteriosamente selecionadas, como Campinas, por exemplo. O presente artigo busca propiciar uma reflexão sobre quais seriam os interesses explicitados ou não na apresentação da mostra na cidade em questão. O empenho do poder público e de setores da elite local desvela uma teia de interesses vinculados à exposição de arquitetura, cujo alvo maior seria a utilização da exposição como instrumento simbólico no processo de legitimação da implantação de um plano de urbanismo – o Plano de Melhoramentos Urbanos –, que vinha sendo desenvolvido pelo urbanista Prestes Maia, contratado pela prefeitura da cidade desde 1934. Esse plano fazia parte de um grande projeto de inserção da cidade na modernidade. O projeto de modernização do espaço urbano estava fundido à ideia de progresso e de desenvolvimento econômico por meio da industrialização, tendo como conseqüência a melhoria das condições de vida da população local. Como comenta Azevedo, *"O plano urbanístico promoveria o aprimoramento das condições urbanas de Campinas de modo a instrumentalizá-la para o desejado desenvolvimento, ou no jargão da época, o progresso, que então identificava-se com a industrialização"* (BADARÓ, 1996, p. 8-9).

O processo de implantação do plano iniciou-se no final da década de 1930, após o decreto oficial de sua aprovação[1], em 1938. As desapropriações, ampliações de vias públicas e construção de novas edificações na área central da cidade, estabelecidas pelo plano, ocorreram de forma intensa durante toda a década de 1940.

O artigo publicado no jornal *Correio Popular*, em 4 de setembro de 1947, intitulado "Plano de urbanismo monumento do futuro!", apresenta uma síntese, relatada pelo engenheiro Eduardo Edargê Badaró, responsável pela chefia do Serviço de Obras Particulares e Urbanismo da Diretoria de Obras e Viação, dos trabalhos realizados pela prefeitura. Vale salientar que, durante os nove anos corridos desde a aprovação do plano, muitas obras já haviam sido realizadas, sobretudo as situadas na região central da cidade, como relata Badaró: *"Era intenção do plano que se realizasse a parte central dentro de dez anos, aproximadamente, e o restante num espaço de mais ou menos trinta ou quarenta anos, sendo certo que um dos artigos do plano diz: Em todos os prédios e*

terrenos alcançados pelo plano não serão permitidas reformas e construções que contribuam para aumentar a durabilidade da obra..."

A descrição da cidade feita pelo jornalista Danilo Glauco Pereira Villagelim, responsável pela matéria, dá o tom das mudanças que o espaço urbano vinha sofrendo: *"O povo assiste pouco a pouco, maravilhado e contente, à transformação da sua terra; ruas que são alargadas, avenidas que se abrem, prédios velhos que são demolidos e outros novos que os substituem; todos os dias a picareta, a pá e o pedreiro apontam nova paisagem presente e futura. A cidade remoça e se veste de novo. Da poeira antiga e das cinzas de outrora ressurge a bela adormecida. Nova Campinas vem surgindo aí, na ponta de cada esquina, na linha de cada rua, no monumento das novas vivendas."*

Muito haveria ainda de ser realizado, mas a cidade já se configurava de forma diferente, e, nesse sentido, cumpre lembrar o papel importante que a mostra de arquitetura *Brazil Builds*, apresentada em 1945, poderia desempenhar ao vincular, simbolicamente, a arquitetura moderna exposta na mostra à modernização urbana proposta no plano em andamento.

No âmbito local, a vinda da mostra para Campinas, nesse preciso momento, era de interesse da elite local diretamente ligada ao processo de modernização urbana da cidade, em especial do grupo de engenheiros envolvidos nessa empresa.

Ao promover a arquitetura, a mostra consolidava a imagem prestigiosa do arquiteto, garantindo aos engenheiros civis e arquitetos o mercado de trabalho até então disputado com profissionais não-diplomados, uma vez que a profissão de arquiteto havia sido instituída pelo Decreto Federal n. 25.569, em 1933, mas os profissionais não-diplomados que possuíam licença pra construir (arquitetos licenciados, construtores e mestres de obra) competiam por um mesmo mercado de trabalho com os engenheiros. Essa situação perdurou por toda a década de 1930 e também pela de 1940.

A imagem emblemática de um Brasil moderno e do futuro que a mostra veicula, por meio da arquitetura, seria cooptada pelo poder público para enfatizar o caráter de modernidade que estava sendo construído na cidade.

No âmbito internacional, a mostra representava mais um elemento da estratégia diplomática de aproximação entre Estados Unidos e Brasil. Segundo as formulações de Bordieu, a arte é um importante instrumento simbólico de poder. No caso em questão, é possível identificar a utilização das artes como poder simbólico na estruturação da política de boa vizinhança. O intercâmbio cultural e artístico empregado na disseminação da política de boa vizinhança assegurava o vínculo comercial e estratégico necessário entre a emergente potência americana e os países da América Latina, que se apresentavam, simultaneamente, como promissores mercados consumidores para os produtos americanos e fornecedores de matérias-primas estratégicas no período da grande guerra.

Os eventos culturais desenvolvidos pela política de boa vizinhança extrapolam o eixo Rio de Janeiro-São Paulo, e até a cidade provinciana, não de todo insignificante, Campinas, entra para o circuito da exposição por meio de uma combinação de fatores, os quais o trabalho pretende desvelar.

A exposição montada pelo Museum of Modern Art de Nova York (MoMA) é apresentada em Campinas em 27 de fevereiro de 1945, tendo sido patrocinada pela Prefeitura Municipal, pelo Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA), com o apoio do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) e da Associação dos Engenheiros de Campinas

(AEC), importantes instituições cujos membros exerciam influência na esfera do poder local.

A mostra de arquitetura, cuja produção de qualidade inegável evidenciava a sintonia com as proposições das vanguardas artísticas do século vigente, foi amplamente divulgada pela imprensa local[2].

Pode-se dizer que os interesses na exaltação da arquitetura apresentada pela mostra resumem-se a:

• Identificar a imagem veiculada de Brasil moderno com a modernização da própria cidade.

• Divulgar a profissão de arquiteto, a ganhar prestígio com a consagração internacional da exposição.

• Assegurar, aos profissionais diplomados (engenheiros civis e engenheiros-arquitetos), mercado de trabalho.

• Explicitar o alinhamento político do poder público local com os interesses nacionais que favoreceram a política de boa vizinhança entre Brasil e EUA.

Patrocinada pelos mesmos agentes promotores do plano de modernização do espaço urbano da cidade, a apresentação da emblemática mostra de arquitetura em Campinas, naquele momento, era mais um instrumento de inserção simbólica do município na modernidade.

Brazil builds

A exposição de arquitetura brasileira realizada pelo Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) foi aberta ao público em 13 de janeiro de 1943. Sua realização ficou sob a incumbência de Philip L. Goodwin, com a colaboração do governo brasileiro representado pelo Ministério da Educação e Saúde Pública (MES) – ministro Gustavo Capanema, Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) – F. P. Assis Figueiredo, Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) – Rodrigo de Mello Franco; pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil – presidente Nestor Egydio de Figueiredo e por parte dos arquitetos cujas obras modernas foram selecionadas para a mostra. A participação de Lucio Costa na elaboração da mostra foi notória, ainda que não tenha sido declarada oficialmente; tanto a seleção de obras como a própria fundamentação teórica da exposição tiveram seu crivo. Como fundamentação, entenda-se a valorização da arquitetura do passado colonial engenhosamente associada à arquitetura moderna desenvolvida, sobretudo, pelo grupo carioca ligado ao arquiteto.

Cumpre ressaltar que a idealização da exposição estava sob orientação da agência criada pelo governo americano de Roosevelt – Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA)[3], órgão criado em 1940 e presidido pelo empresário americano Nelson Rockfeller[4], com o objetivo de estreitar as relações com os países latino-americanos, no que se convencionou chamar política de boa vizinhança.

Nesse sentido, o MoMA[5] teve papel fundamental no estreitamento das relações do governo norte-americano com os países da América Latina, em especial o Brasil. *"O MoMA foi aos poucos transformado em verdadeiro território livre para as manifestações artísticas da América Latina, e teve grande*

importância para a política norte-americana em relação ao subcontinente." (TOTA, 2000, p. 45)

Não se deve, no entanto, vincular o interesse dos norte-americanos pela produção artística latina a fatores, exclusivamente, de ordem econômica e política. No intuito de instituir um outro pólo cultural que rivalizasse com a Europa, reduzindo sua preponderância nesse âmbito, os norte-americanos principiaram um intercâmbio artístico com os países latino-americanos[6]. Já em 1930, o Metropolitan Museum of Art de Nova York realiza uma exposição que, consagrada à arte mexicana, representava a "descoberta" dos muralistas mexicanos. A construção dessas alianças pan-americanas fez parte de um projeto de hegemonia norte-americana, e às artes coube o papel simbólico de legitimação desse poderio.

Por meio dessa política que evocava ideais pan-americanos, a arquitetura realizada por um grupo restrito de arquitetos brasileiros liderados por Lucio Costa vai se beneficiar, ganhando projeção internacional, e, conseqüentemente, consagrando uma corrente de arquitetura que se fundava nos princípios da vanguarda moderna preconizada pelo mestre Le Corbusier, cujos contatos com o Brasil datam desde 1929, ocasião de sua primeira passagem pelo país, onde fez duas palestras sobre a arquitetura[7] – uma no Rio de Janeiro, na Escola Nacional de Belas Artes, e outra em São Paulo.

Política de boa vizinhança – dimensão política, econômica e cultural

A política de boa vizinhança foi implementada durante os governos (1933-1945) do presidente americano Roosevelt como estratégia de relacionamento com a América Latina. Essa estratégia tinha como objetivo o estreitamento das relações políticas e comerciais entre os Estados Unidos e os países da América Latina, sobretudo o Brasil. A cooperação econômica e militar, proposta nessa política americana, visava impedir a influência alemã na região.

Durante a década de 1930, o governo brasileiro manteve, simultaneamente, relações comerciais com as duas grandes potências em ascensão no mundo – os Estados Unidos e a Alemanha. Após a crise de 1929, quando várias economias da Europa e os Estados Unidos optaram por uma rígida política protecionista, o governo alemão e o americano decidiram reativar o comércio internacional como forma de recuperação de suas economias internas.

É nesse contexto pré-Segunda Guerra que os Estados Unidos implementaram a chamada política de boa vizinhança, cujos interesses eram tanto político-estratégicos quanto econômicos. *"A retórica da solidariedade e os métodos cooperativos no relacionamento com os países latino-americanos facilitavam a formação de mercados externos para os produtos e investimentos norte-americanos, além de garantir o suprimento de matérias-primas para suas indústrias."* (*Anos de incerteza (1930-1937). Relações internacionais* – www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos60-37/ev_relint_boavizinhanca.htm; acessado em 20/08/08).

Depois que o partido nazista assumiu o poder na Alemanha, iniciou-se um período de projeção germânica no plano internacional. O governo alemão

estabeleceu com o governo brasileiro o comércio de compensação, isto é, de troca de mercadorias e/ou produtos, sem necessidade do uso de moedas. Importante salientar que na região Sul do país, devido ao grande número de descendentes alemães, as ideologias germânicas eram vistas com certa simpatia pelos brasileiros. Os valores nacionais-socialistas eram difundidos por embaixadas, consulados, clubes, agências distribuidoras de notícias, empresas comerciais e outros.

Por outro lado, os Estados Unidos, com a política de boa vizinhança, um instrumento de americanização[8], difundiam os valores liberais, democráticos e o padrão americano de vida.

Com esse intuito, é criado por Roosevelt, em 16 de agosto de 1940, um *bureau*[9] chefiado por Nelson Rockefeller – Office for Coordination of Comercial and Cultural Relations between the American Republics. Um ano depois, o nome do *bureau* ou agência é alterado para Office of Coordination of Inter-American Affairs.

A mostra de arquitetura moderna, uma seleção propositada

Na divulgação do estilo de vida norte-americano, o cinema e as revistas desempenharam um importante papel; no caso específico da arquitetura, o estilo neocolonial californiano ou *missões* se disseminava, sendo amplamente empregado nos projetos residenciais da burguesia brasileira. Como salientou Costa, as pessoas saíam do cinema vendo o neocolonial californiano e sonhando com edificações semelhantes[10].

No entanto, não deixa de causar estranhamento o fato que a arquitetura selecionada pelo MoMA, sob orientação do *bureau* de Rockefeller, fosse a arquitetura moderna filiada aos ideais da vanguarda européia de vertente corbuseana. A seleção da mostra de arquitetura pode ser mais bem compreendida quando se analisam as relações estabelecidas, nesse período de guerra, entre os artistas europeus "exilados" que se encontravam nos Estados Unidos, sobretudo em Nova York, a direção do MoMA, representada pelo próprio Rockefeller, e os laços de amizade entre os tais artistas e os arquitetos brasileiros "discípulos" de Corbusier.

Mais uma vez uma trama se forma: de um lado, Lucio Costa "colaborando" com a seleção de obras e atuando tal qual um curador, ainda que nada disso tenha sido oficialmente declarado. E, de outro lado, Rockefeller na direção da instituição que mantinha contato direto com os artistas europeus da vanguarda, parte deles abrigada nos EUA.

Pode-se dizer que, a partir dessa mostra e graças à política de boa vizinhança estabelecida pelos Estados Unidos, as realizações arquitetônicas da *geração heroica*, isto é, do grupo de arquitetos brasileiros, sobretudo dos discípulos de Le Corbusier, ganham visibilidade internacional sem precedentes.

Percebe-se que havia uma rede de contatos estabelecidos entre artistas e arquitetos europeus expatriados e entre alguns deles e o próprio Rockefeller. Nesse sentido, vale ressaltar que Sigfried Giedion, arquiteto próximo de Le

Corbusier, encontrava-se em Nova York no mesmo período em que Costa e Oscar Niemeyer estavam ocupados com a elaboração do projeto para o Pavilhão Brasileiro da Feira Mundial de 1939. Costa e Niemeyer, diretamente ligados ideologicamente à vanguarda européia, tiveram, então, a oportunidade de aproximarem-se de seus colegas europeus por ocasião da elaboração e da execução – nada breve e às expensas do governo brasileiro – do projeto do pavilhão, durante sua permanência oportuna nos Estados Unidos[11].

Vários arquitetos, artistas e intelectuais vindos da Europa encontravam-se nos Estados Unidos nesse momento[12]: Walter Gropius, Marcel Breuer, László Moholy-Nagy, Mies van der Rhoe, Joseph Albers, Serge Chermayef, Sigfried Giedion, Piet Mondrian, Fernand Léger, Marc Chagall, Jacques Lipchitz, André Breton, Marcel Duchamp, Josep Luís Sert e outros.

Alguns desses artistas também mantinham contato com Rockefeller, possivelmente por conta da atuação do MoMA, instituição voltada às artes do presente. Rockefeller, inclusive, já conhecia Sert por ocasião da execução de um mural, de autoria de seu tio, no edifício Rockefeller Center[13].

Léger era outro artista também integrante do círculo de contatos de Rockefeller que teria, inclusive, colaborado na decoração de sua residência particular[14].

Vale ressaltar que Costa e Niemeyer tinham trabalhado em 1938 no escritório de arquitetura de Wallace Harrison, arquiteto chefe da Feira de 1939 e responsável por seus prédios símbolos: o Trylon e a Esfera; pouco tempo depois da Feira de 1939 seria nomeado por Rockefeller para a chefia do departamento cultural de seu *bureau*[15].

O que se pretende demonstrar é a existência de uma relação de proximidade entre os artistas, arquitetos e intelectuais europeus "exilados" nos EUA por ocasião da guerra, entre eles os arquitetos brasileiros liderados por Lucio Costa, os quais mantinham forte vínculo ideológico com a vanguarda moderna européia, sobretudo, de vertente corbuseana. Fica também evidenciada a existência de uma relação entre esse grupo de artistas e o magnata Nelson Rockefeller, coodenador do OCIAA.

Trata-se de um jogo intrincado de relações que, no decorrer do tempo, vão se entrelaçando até o momento em que a exposição *Brazil Builds* desponta como um instrumento de aproximação das relações entre Brasil e EUA, mais uma vez ressaltando a utilização da arte como meio de estreitamento de relações políticas e comerciais entre os dois países.

A escolha da arquitetura moderna, que estava sendo realizada, naquele momento, no país, pelo grupo liderado por Costa, não é fortuita: sua seleção é fruto dessa teia de contatos e interesses mútuos. Assim como já havia um entrosamento de idéias entre os brasileiros e os europeus que estavam nos EUA, havia também uma ligação entre Nelson Rockefeller, o coordenador da agência OCIAA e esses artistas estrangeiros representantes da vanguarda européia.

A Feira Internacional[16] de Nova York de 1939 foi também decisiva para a consolidação de relações entre os dois países. O excepcional projeto de arquitetura do Pavilhão Brasileiro elaborado por Lucio Costa e Oscar Niemeyer foi marco referencial da exposição, divulgando a qualidade arquitetônica da nova geração de profissionais brasileiros até então desconhecidos do público internacional.

O próprio discurso de lançamento da pedra fundamental do Pavilhão Brasileiro, realizado pelo ministro da Indústria, Comércio e Trabalho, Waldemar Falcão, foi transmitido em ondas curtas do Brasil para os Estados Unidos por meio da montagem de um laboratório experimental de transmissões radiofônicas.

O intercâmbio cultural promovido pela política de boa vizinhança partia primordialmente do MoMA, instituição que estava envolvida diretamente na divulgação da cultura brasileira[17]. O interesse deste trabalho é focalizar a exposição de arquitetura *Brazil Builds*, cuja documentação organizada em livro-catálogo contribuiu para a divulgação da arquitetura moderna brasileira pelo mundo todo.

A MOSTRA

Brazil Builds foi inicialmente exibida no próprio MoMA, de 13 de janeiro a 28 de fevereiro de 1943. Ocupou o *hall* de entrada e todo o andar térreo do museu, situado, na época em edifício da West Fifty-third Street, em Nova York.

Tanto a mostra como o catálogo foram divididos em duas partes: a primeira, devotada à arquitetura colonial e, a segunda, mais significativa, à arquitetura moderna. Philip Goodwin[18] prefaciou o catálogo da mostra, enfatizando a importância do intercâmbio cultural e artístico como forma de estreitamento das relações entre os dois países: *"O Museu de Arte Moderna, de Nova York, e o Instituto Norte-Americano de Arquitetos achavam-se ambos, na primavera de 1942, ansiosos por travar relações com Brasil, um país que ia ser nosso futuro aliado."* (1943, p. 7)

A mostra recebeu um número expressivo de visitantes, sobretudo considerando-se o fato de ela ter ocorrido em período de guerra. Cerca de 59.633 pessoas visitaram o museu nos primeiros dois meses do ano de 1943[19]. Sua repercussão foi tão significativa que dela derivaram o livro *Brazil builds* e versões itinerantes: uma grande, que circulou pelos Estados Unidos, Canadá, México e Inglaterra, e uma versão reduzida que chegou ao Brasil.

A agência de negócios interamericanos que desempenhava papel decisivo na divulgação da mostra[20] distribuiu catálogos para várias personalidades e preparou extenso material de publicidade destinado à publicação em jornais e outros meios de comunicação, tornando profícuos os efeitos dessa verdadeira campanha publicitária.

Edições especiais[21] da mostra foram preparadas atendendo ao pedido do Office of Inter-American Affairs e da Embaixada Brasileira de Londres para circular pelo Brasil.

No Brasil, a mostra foi exibida, primeiramente, no Ministério da Educação e Saúde (MES), em novembro de 1943, instalada por Niemeyer e inaugurada por Gustavo Capanema. Seguiu para Belo Horizonte, São Paulo, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre e por outras cidades paulistas: Santos, Campinas, Jundiaí e Franca.

A mostra inicial exibida no MoMA era composta por painéis fotográficos, maquetes, um mapa do Brasil[22] e um *Slide Show* situado na entrada do espaço museográfico, que apresentava, em uma tela, continuadamente, 48 expositivos. Era dividida em duas secções: a primeira dedicada à arquitetura colonial, com 53

painéis, e a segunda, à arquitetura moderna, contendo 113 painéis e duas maquetes do MES e do Pavilhão Brasileiro de 1939.

A maior ênfase foi dada às obras modernas e a dois edifícios em especial: o Pavilhão Brasileiro, obra reverenciada pela crítica e pelo público americano, e o prédio do MES – "O" ícone da arquitetura brasileira. Sem nenhuma pretensão de obliterar as qualidades artísticas e técnicas dessa grande obra de nossa arquitetura, sua classificação como tal pode ser atribuída, em parte, à influência que Costa detinha nos meios intelectuais e políticos do governo varguista.

A seleção das obras e a própria constituição da exposição contou com a participação impositiva de Costa: divulgou-se o que interessava ser legitimado como opção estética de arquitetura: a vertente moderna de viés corbuseano.

Brazil buids em campinas

Em 27 de fevereiro de 1945, uma versão reduzida da mostra é inaugurada no Teatro Municipal de Campinas. A cerimônia contou com a presença de importantes personalidades locais e do poder público, do representante do *bureau* americano, T. A Scott, e do representante do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB).

A exposição foi amplamente divulgada pelos jornais da época, tendo sido noticiada pelos dois jornais mais importantes de Campinas por cerca de oito vezes, sempre na primeira página e de forma destacada.

CORREIO POPULAR

TERÇA-FEIRA, 20 DE FEVEREIRO DE 1945

ontemorense

batalha da Europa
de Monte-Mór ao
do relator Cesar

A proxima inauguração em Campinas da exposição «Brazil Builds»

Trata-se de uma esplêndida coleção de fotografias da Arquitetura brasileira antiga e moderna

A Prefeitura de Campinas autorizada a contrair um vultoso emprestimo

O C.E.N.E. aprovou o parecer — Como serão aplicados os trinta milhões de cruzeiros

Fonte: *Correio Popular* de 20/02/1945

Com antecedência de uma semana, os jornais locais já divulgavam a chegada da mostra de arquitetura, ocupando lugar de destaque na própria diagramação da primeira página. Interessante observar como o tema arquitetura parece despertar interesse na cidade, fruto da conjunção do bom trabalho de divulgação realizado pelo *bureau* e dos interesses de setores da sociedade local na promoção da exposição.

A realização da exposição em Campinas ocorreu em decorrência da junção das iniciativas do *bureau* americano, do Conselho de Bibliotecas e Museus das Municipalidades (órgão estadual) e da prefeitura de Campinas, sob o patrocínio da Associação de Engenheiros de Campinas[23] (AEC) e do Centro de Ciências, Letras e Artes[24] (CCLA). Estavam presentes à inauguração: T. Scott, representando o Coordenador dos Negócios Interamericanos, o prefeito Perseu Leite de Barros, o arquiteto Léo Ribeiro de Morais do IAB, o presidente da AEC, engenheiro Alberto Jordano Ribeiro, engenheiro Hoche Néger Segurado, membro do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura, o presidente do CCLA, engenheiro-arquiteto Eduardo Edargê Badaró, que pronunciou o discurso oficial de abertura da mostra e outras figuras representativas da sociedade local.

Do grupo restrito de profissionais liberais que atuavam na cidade, alguns deles tinham forte ligação com os colegas cariocas, cujas obras estavam na mostra. Entre os representantes de entidades de classe, de instituições culturais e profissionais diretamente envolvidos na cruzada modernizante da cidade, devem ser destacados os seguintes nomes:

CORREIO POPULAR

TERÇA-FEIRA, 27 DE FEVEREIRO DE 1945

ilitar

ar-se ao com-
lo Ministério
sinado

mbuco

ado a candi-
Getulio Var-

Morreu Maño de Andrade!

MARIO DE ANDRADE

Uma notícia contristadora para o mundo intelectual paulista — morreu Mario de Andrade! O fato, além de traduzir uma perda irreparavel para as letras em nosso Estado e mesmo em todo o Brasil, se torna ainda mais chocante pelo seu inesperado, uma vez que o festejado roman-

Inaugura-se hoje a exposição «Brasil Builds»

Trata-se de uma admiravel mostra de fotografias da arquitetura brasileira antiga e moderna

Hoje, às 17 horas, no "foyer" do Teatro Municipal, terá lugar o ato inaugural da Exposição "Brasil Builds", organisada pela Escritorio da Coordenação dos Negocios Inter-Americanos (in S. Paulo), sob o patrocinio da Prefeitura Municipal, da Associação dos Engenheiros e do Centro de Ciências, Letras e Artes.

Por nosso intermédio as diretorias dessas entidades convidam os seus socios e o publico em geral para assistirem ao ato inaugural, que terá a presença de representantes do Escritorio do Coordenador do Conselho de Bibliotecas e Museus, do Departamento das Municipalidades e do Instituto de Arquitetos.

A Exposição "Brasil Builds" é uma coleção de magnificas fotografias que focalisam as construções do Brasil num periodo que vai de 1652 a 1942. Na secção de edificios antigos, vêem-se as mansões senhoriais das fazendas fluminenses, as famosas igrejas de Minas, Bahia, Espirito Santo e Pernambuco e outras construções em diversos Estados, de mais alto valor para a historia da arquitetura colonial brasileira.

Entre os modernos edificios, atestados do alto grau do progresso alcançado pela arquitetura brasileira, são apresentadas as construções de cimento armado, edificios de escritorios, apartamentos e hotéis; escolas, hospitais e bibliotecas; edificios de sistemas de transportes rodoviarios e prédios de recreação.

SUSPENSA A EXIGENCIA DE SALVO-CONDUTO

Comunica-nos a Secretaria da Segurança Pública que, a partir da presente data, não mais são necessarios os salvo-condutos aos nacionais e estrangeiros que fazem viagens para fora da Capital.

Continua em vigor a exigencia do salvo-conduto para alemães e japonêses que se destinem a Santos e outras cidades do litoral. Esses subditos do "eixo" sòmente poderão viajar por estrada de ferro.

Fonte: *Correio Popular* de 27/02/1945

• Engenheiro-arquiteto e urbanista Eduardo Edargê Badaró, chefe da seção de Arquitetura e Urbanismo da Prefeitura Municipal; profissional responsável pelo desenvolvimento e implantação do plano de urbanismo.

• Engenheiro-arquiteto Mário Penteado, profissional atuante no setor da construção civil, participou ativamente da elaboração do plano urbanístico como membro da Comissão de Melhoramentos Urbanos.

Eduardo Edargê Badaró, formado pela Escola Nacional de Belas Artes, veio a Campinas por indicação[25] de Lucio Costa para trabalhar na prefeitura como chefe da seção de Arquitetura e Urbanismo, criada pelo Decreto Municipal n. 97 de 29/12/1934. Foi nomeado para o cargo pelo Decreto n. 116 de 08/02/1935. Exerceu papel fundamental no processo de elaboração e implantação do Plano de Melhoramentos Urbanos. Na inauguração da exposição *Brazil Builds*, em Campinas, como também presidente do CCLA, proferiu o discurso oficial de abertura da mostra.

"Após ter o sr. Prefeito Municipal declarado inaugurada a Exposição, o dr. Eduardo Edargê Badaró, presidente do Centro de Ciências, proferiu o discurso oficial. Inicialmente, o orador agradeceu a todos que, com sua presença, concorreram para o brilhantismo da cerimônia. Esclareceu a significação do certame que se inaugurava, que era uma documentação do progresso da arquitetura brasileira, desde os tempos coloniais até os dias de hoje. Enaltecendo o valor do trabalho dos arquitetos que realizaram essa obra grandiosa, lastimou o orador, ao finalizar o seu discurso, que o Brasil, que apresenta um tão alto padrão de arquitetura, ainda não tenha dispensado a atenção que mercê o problema da construção de casas residenciais médias e mínimas." ("Inaugurou-se ontem a Exposição *Brazil Builds*", *Diário do Povo*, 28/02/1945)

CAMPINAS, QUARTA-FEIRA, 28 DE FEVERE

Inaugurou-se ontem a Exposição «Brazil Builds»

A cerimônia realizada no "foyer" do Municipal, grandemente concorrida, foi presidida pelo sr. Prefeito Municipal — A bela mostra de fotografias da arquitetura brasileira moderna e antiga estará aberta à visitação pública, diariamente, das 19 às 21 horas

DISCURSO DO PRESIDENTE DO CENTRO DE CIENCIAS

O ATO INAUGURAL

O HORARIO DA EXPOSIÇÃO

DR. PINTO DE MOURA

DOENÇAS DO CORAÇÃO E REUMATISMO — ELETROCARDIOGRAFIA, FONOCARDIOGRAFIA, ETC.

RUA TREZE DE MAIO 140 — CAMPINAS

Ninguem poderá mais impedir o Brasil de tornar-se uma grande Nação

Expressivas declarações do sr. Adolfo Berle — Os E dos Unidos possuem planos definitivos, no sentido de acelerar o fortalecimento do nosso país

MEDICADOS PE ASSISTENCIA

AGREDIDO A F

Dois per tantes p

Fonte: *Diário do Povo* de 28/02/1945

Mário Penteado, engenheiro-arquiteto, natural de Campinas, formado em 1931 pela Escola Nacional de Belas Artes, fez parte do movimento estudantil em defesa das novas idéias artísticas e da permanência de Lucio Costa na direção da instituição em 1931[26].

Nas décadas de 1930, 1940 e 1950, Penteado participou ativamente da vida política da cidade: foi vereador, associado, presidente e governador do Rotary Club de Campinas, sócio do Centro de Ciências, Letras e Artes; sócio titular do IAB-RJ; sócio e presidente da Associação de Engenheiros de Campinas.

Como arquiteto de prancheta, realizou grande número de obras, participou do V Congresso Pan-americano de Arquitetura em Montevidéu – 1940[27], e foi enviado como delegado oficial do Brasil no Congresso Internacional de Arquitetura de Washington[28], 1939, nomeado pelo presidente da República por indicação do IAB.

Mário Penteado foi um pioneiro na divulgação da atividade profissional do arquiteto e também da arquitetura moderna. Com o objetivo de promover a profissão, realizou palestras no Rotary Club de Campinas (fundado em 1931), ao qual se filiou em 1935. Na palestra intitulada "Arquitetura Moderna Brasileira", realizada em 13 de novembro de 1944, ele faz uma apologia da arquitetura moderna realizada no Brasil por seus colegas cariocas coetâneos de formação, demonstrando estar em sintonia com os últimos acontecimentos relacionados à arquitetura, possivelmente porque mantinha contato com seus colegas de turma da ENBA. A palestra é quase uma síntese do catálogo da mostra *Brazil Builds,* revelando que ele poderia ter visto a exposição antes de sua montagem em Campinas, uma vez que mantinha estreita relação com órgãos de classe, como o IAB do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Assim comenta Penteado: *"O compêndio* Brasil Builds, *editado pelo Museu de Arte de Nova York é testemunho do nosso adiantamento e constitui motivo de admiração as exposições realizadas em diversas cidades americanas, sob o patrocínio desse mesmo museu. Idênticas mostras artísticas foram efetuadas no Rio de Janeiro e São Paulo pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, ambas coroadas do mais completo êxito. Não parou aí o sucesso de nossa arquitetura; ainda recentemente um grande tributo à moderna arquitetura brasileira foi prestado por Lord Portal, Ministro de Construções e Planejamentos, que ao inaugurar a exposição organizada em Londres, sob os auspícios da Sociedade Anglo-Brasileira disse: nenhum dos novos países da América fizeram melhor uso da herança artística e das tradições da Europa do que o Brasil, segundo se pode ver pelos edifícios mais velhos, mas também pelas modernas construções."* (1943)

Os agentes envolvidos na apresentação da mostra de arquitetura em Campinas são os mesmos personagens vinculados ao processo de modernização do espaço urbano. A mostra colaborou especificamente no contexto local como um instrumento de legitimação de interesses daqueles que visavam à implantação do plano de urbanismo.

Considerações finais

Em síntese, o trabalho tenta perscrutar como uma mesma mostra de arte, no caso específico, de arquitetura, serviu, simultaneamente, como instrumento de legitimação dos interesses da elite e do poder público local na implementação de

um plano de urbanismo e como elemento de estreitamento das relações político-militares e econômicas entre Estados Unidos e Brasil. Uma intrincada combinação de interesses é responsável pela vinda e pela exibição da mostra em Campinas.

No âmbito local, a mostra simbolizava o Brasil moderno e essa idéia é devidamente cooptada pelos agentes envolvidos no processo de modernização do espaço urbano da cidade, que a associam ao progresso e à industrialização. Sua realização ocorre, justamente, em momento propício à legitimação da implantação do plano de urbanismo, que ampliaria o campo de trabalho para os profissionais locais e ainda contribuiria para valorização do profissional diplomado, especialmente do arquiteto. A escolha da cidade de Campinas como uma das locações selecionadas para a mostra, provavelmente, foi muito bem articulada pelos agentes interessados, como se pretendeu desvelar nessa pesquisa.

No âmbito nacional e internacional, a chegada da mostra organizada pelo MoMA, em consonância com indicações da agência de negócios interamericanos, comandada por Rockefeller, simbolizava o perfeito entrosamento entre as nações parceiras – Estados Unidos e Brasil. O estreitamento das relações entre os dois países foi em parte difundido pelo campo artístico e cultural, mas os objetivos principais eram de caráter estratégico-militar e, sobretudo, econômico.

Os resultados positivos da mostra foram profícuos para todos os interessados em sua execução: Estados Unidos, governo brasileiro, arquitetos da *geração heroica*, intelectuais e artistas da vanguarda nacional e internacional.

O sucesso da mostra favoreceu a consagração da arquitetura moderna brasileira, tornando-a um paradigma no país. Nesse sentido, o papel de Lucio Costa como mentor do elo engendrado entre arquitetura colonial e moderna não foi fortuito. Seu objetivo era afirmar a vertente moderna em relação à acadêmica, por ele criticada a partir de 1930, obscurecendo a produção arquitetônica de estilos preconizada nas escolas e de ampla aceitação no seio da classe média. Com a repercussão positiva da mostra, internacionalmente, a vertente moderna ganharia aqui seus defensores e conquistaria o gosto do público, disseminando não só uma opção estilística, mas uma nova forma de habitar adequada ao novo homem do século 20.

Se a mostra representava mais um dos instrumentos simbólicos de poder empregados na política de boa vizinhança pelos Estados Unidos, representava também, para Costa, um instrumento de legitimação da vertente arquitetônica por ele defendida, sem haver nisso qualquer juízo de valor, pois é inconteste a qualidade estética das obras selecionadas para a mostra.

E, na rota[29] da divulgação da mostra, aparece a provinciana, mas não de todo insignificante, cidade de Campinas[30], não fortuitamente selecionada para a exibição da *Brazil Builds*.

Notas

(1) Ato n. 118 de 23/04/1938 – Aprova o Plano de Melhoramentos Urbanos de Campinas.

(2) Segundo os dados obtidos na pesquisa, os dois jornais mais importantes da cidade divulgaram a mostra de arquitetura por cerca de oito vezes: *Diário do Povo* – divulgou três vezes, sempre na primeira página. Dias 23/02; 25/02 e 27/02. *Correio Popular* – divulgou cinco vezes, sempre na primeira página. Dias 20/02; 22/02; 25/02; 27/02 e 28/02.

(3) Ao longo do texto será usado o termo agência ou *bureau* para identificar o organismo dirigido por Rockefeller.

(4) Nelson Aldrich Rockfeller, jovem empresário de 32 anos, entra para a máquina política americana do governo Roosevelt como o responsável pela agência OCIAA. Membro da multimilionária família Rockfeller, detentora da Standard Oil Company, empresa presente em vários países da América latina. (TOTA, p. 44-46) Como comenta esse autor: *"Não era bom aluno nem tinha muita vocação para os negócios, como confessou ao pai em algumas cartas. Tinha, isto sim, inclinação para as artes,... A familiaridade com as artes foi usada com habilidade por Nelson, para navegar entre a política e os negócios."* (TOTA, 2000, p. 44)

(5) O MoMA foi fundado em 1929 por Mrs. Lille P. Bliss, Mrs. Cornelius J. Sullivan e Mrs. John D. Rochefeller Jr. mãe de Nelson Aldrich Rockefeller. Tinha como objetivo ajudar a compreensão e fruição das obras de arte contemporâneas. Disponível em: www.moma.org, acessado em 15/08/08;
graças à intervenção da mãe de Aldrich, este se tornou presidente do museu.

(6) "*El interés estadounidense por los países del sur en el campo de las artes contemporáneas había tenido sus primeras expresiones con el descubrimiento de los moralistas mexicanos, especialmente a partir de 1927, y se materializó en los distintos encargos a Rivera, Siqueiros y Orozco, consagrándose con la exposición sobre arte mexicano organizada por René d'Harnoncourt en el Metropolitan Museum of Art de New York en 1930."* (LIENUR, 1999, p. 24)

(7) Le Corbusier esteve no Brasil realizando palestras por duas ocasiões: em 1929, em São Paulo e Rio de Janeiro e, em 1936, quando realizou seis conferências na Capital Federal, Rio de Janeiro (31/07/36 – "A máquina e o homem"; 05/08/36 – "A desnaturalização do fenômeno urbano"; 07/08/36 – "A máquina reduz o tempo de trabalho"; 10/08/36 – "A pequena habitação considerada como prolongamento dos serviços públicos"; 12/08/36 – "Os tempos novos e a vocação do arquiteto"; 14/08/36. Interessante o cotejamento entre dois depoimentos coetâneos sobre as impressões da palestra realizada por Corbusier, de 1929, no Rio de Janeiro: Segundo relato de Alcides da Rocha Miranda, em 1989, a respeito da palestra de Le Corbusier na ENBA, em 1929: *"O fato de a conferência ser em francês já restringia o público. Lembro-me que havia só uns dez, doze na primeira conferência de Le Corbusier."* (CAVALCANTI, 1995, p. 66)
Lúcio Costa comenta: *"No Rio, na 1ª conferência que fez em 29, a sala estava cheia, abarrotada. Pessoas interessadas, assim como em qualquer parte onde ele fosse porque tinha a palavra fácil e precisa."* (COSTA, 1995, p. 145)

(8) Segundo o historiador Tota, a política de boa vizinhança era uma verdadeira fábrica de ideologias.

(9) *"Its purpose, as stated in the Executive order was to provide for the development of commercial and cultural relations between the American Republics and thereby to increase the solidarity of the Western Hemisphere and further the spirit or cooperations between the Americas in the interest of Hemisphere defense. More specifically, the Office was directed to formulate and execute programs in the commercial and economic fields and the files of the arts and sciences, education and travel, the radio, the press, and the cinema that would further national defense and strengthen the bonds between the nations of the Western hemisphere."* Disponível em: www.arquives.gov/research/holocaust/finding-ais/civilian/rg-229.html, acessado em 15/08/08.

(10) Sobre a influência das fitas de cinema americano no cotidiano da classe média, interessante o comentário de Aracy Amaral e não menos significativo o de Lúcio Costa, em seu texto canônico, *Documentação necessária*, de 1938.
Seguem-se abaixo: Lúcio Costa: "*Do encontro desses dois indivíduos – o proprietário, saído do cinema a sonhar com a casa vista em tal fita, e o arquiteto, saído da escola a sonhar com a ocasião de mostrar as suas habilidades –, o resultado não se fez esperar: em dois tempos transferiam da tela para as ruas da cidade – desfigurados, pois haviam de fazer "barato – o '*bungalow'*, a casa espanhola americanizada e o castelinho."*
Aracy Amaral : "(...) a industrialização, em ritmo rápido, bem como a intensificação dos meios de comunicação de massa (o rádio, o cinematógrafo, os periódicos), já começavam a divulgar formas, ambientes e materiais novos em combinações inéditas, refletindo uma diversificação antes desconhecida é o começo da era do plástico, galalite ou baquelite e metais cromados). Uma sala linda como esta de casa de artista de cinema já é referência dos anos 30, espelhando novos modelos, irradiadores de uma fantasia e um comportamento que procedem, cada dia mais, da informação da estética do universo norte-americano." (1997, p. 83)

(11) "*Costa e Niemeyer passaram quase um ano em Nova York, entrando em contato com a cena americana e internacional, realizando uma das melhores obras de nosso modernismo."* (CAVALCANTI, 2001, p. 20)

(12) Sobre o tema Joan Ockman traz informações significativas: *"Joseph Luis Sert arrived in New York in June 1939, a few months after the civil war ended in Spain (...) Paris, where he had been living for the last years, was on the eve of world war. New York, meanwhile, was pulsating with excitement. The World's Fair had opened in Flushing Meadows with its 'World of tomorrow' theme and the notable participation of international architects like Alvar Aalto, Sven Markellius and Oscar Niemeyer."* (1997, p. 22) Sobre encontro de Sert com outros artistas expatriados, Ockman relata: *"Sert became a frequent guest at Calder's farmhouse in Connecticut, where he met other 'artists in exile', expatriates and members of international avant-garde displaced by circumstance or choice."* (1997, p. 22)

(13) *"Sert also had a personal connection to New York in the mural that had recently been executed in the lobby of the RCA Building at Rockefeller Center by his uncle, José Maria Sert, a painter who had designed sets for Diaghilev's ballets in the teens and twenties."* (OCKMAN, 1997, p. 22)

(14) *"In the 1930s Léger had opportunities to realize his muralist ambitions at the Palais de la Découverte in Paris (1937) and in decorations for Nelson Rochefeller's residence in New York (1938-1939). "* (OCKMAN, 1997, p. 30)

(15) Informações retiradas de: Cavalcanti, 2006, p. 157.

(16) A Feira serviu para divulgar produtos, riquezas naturais e a cultura brasileira. No pavilhão, encontravam-se expostos o café, em destaque, fibras naturais, madeiras, pedras semipreciosas, borracha, minérios, frutos, etc. Mas o que mais impressionou aos americanos foi a arquitetura do prédio, seu jardim e a música brasileira, uma das atrações diárias do restaurante.

(17) Em 1940, o museu realizou um festival de música brasileira, Festival of Brasilian Music. Em 1941, Portinari expôs seus quadros na instituição.

(18) Phlip L. Goodwin – arquiteto, presidente da Comissão de Relações Exteriores (A. I. A.), da Comissão de Arquitetura do Museu de Arte Moderna de Nova York e membro correspondente do Instituto de Arquitetos do Brasil.

(19) Nesse mesmo período foram também realizadas, no MoMA, outras três exposições – *Twentieth Century Portraits, the Arts in Therapy e Americans. Brazil Builds* ocupava, praticamente, todo o térreo do edifício. *"Taking into consideration the location and size of the Brazil Builds exhibition, which occupied almost the entire ground floor of the Museum, a considerable percentage of general visitors must have had at least a sight of it."* (QUEZADO, 2001, p. 132)

(20) *"The Office of Inter-American Affairs maintained an efficient network of agents in Brazil to implement and report on the success of the Office initiatives; Carleton Sprague-Smith accompanied the tour to several places as the representative of the Museum of Modern Art. Presentation copies of the book were distributed to influential people, with personalized dedications; invitations were sent by messenger; posters were printed with the cover of the book; extensive publicity material and photographs were released to newspapers; attendances were counted – 66.388 came in São Paulo."* (QUEZADO, 2001, p. 133)

(21) *"The Department of Circulating exhibitions prepared a small version comprising 60 photographs for colleges and small galleries, wich travellled from February 1944 to May 1946."* (QUEZADO, 2001, p. 133)

(22) Houve a preocupação de atribuir um tratamento didático à apresentação; afinal, o Brasil era um país sul-americano pouco conhecido pelo público norte-americano. Na entrada da mostra um grande mapa identificava as cidades onde as obras arquitetônicas se situavam.

(23) A Associação de Engenheiros de Campinas foi fundada em 17 de maio de 1933. *"O engenheiro Carlos William Stevenson teria, como companheiros de diretoria, engenheiros que ocupavam importantes postos na emergente burocracia estatal do município, como Cyro Lustosa e Perseu Leite de Barros e futuros empresários da construção civil local, Júlio Gerin, Oscar Canguçu, Verniaud Néger e Lix da Cunha."* (SANTOS, 2002, p. 260)

(24) Sobre a participação da entidade na realização da mostra em Campinas, não foi encontrado nenhum documento. Como consta da história do clube, não houve registro de nenhuma das reuniões do órgão durante um período de aproximadamente dez anos (1945 – 1953), e não há também explicação para o fato. O único indício de contatos estabelecidos entre o *bureau* americano e o CCLA foi o registro de recebimento de uma carta da American Society for Public Administration na ata da 597ª sessão realizada em 17de janeiro de 1945.

(25) Sobre Eduardo Edargê Badaró, informações fornecidas pelo filho, arquiteto Ricardo Badaró.

(26) *"Do grupo de futuros arquitetos que viveu essa fase, certamente a fase heróica da arquitetura brasileira, e que recebeu o apoio da maioria absoluta dos estudantes, faziam parte Luiz Nunes (cuja morte prematura ceifou uma carreira promissora), Jorge Machado Moreira, Renato Vilela, Carlos Leão, Annibal Mello Pinto, Ernani Mendes de Vasconcelos, Orlando Dourado, Raul Marques de Azevedo, Mário de Camargo Penteado, Edison Nicoll, José Carvalho de Castilhos, Regina Reis, Galdino Duprat da Costa Cunha Lima, Antonio Osório Jordão de Brito, José Régis dos Reis, Benedito de Barros, Alcides da Rocha Miranda, Ary Garcia Roza, João Lourenço da Silva, Lauro Barbosa Coelho, Eugênio Proença Sigaud, Aldo Garcia Roza, Antonio Pinto, Ruy Costa, Francisco Saturnino de Brito e Edgard Guimarães do Valle."* (MINDLIN, 2000, p. 27)

(27) No Congresso de Montevidéu, Penteado recebeu Menção Honorífica na categoria "*Edifícios privados"* com os seguintes arquitetos: Flávio de Carvalho, Severo & Villares, Jaime Fonseca Rodrigues e Álvaro Botelho. Nesse mesmo congresso de arquitetos, Eduardo Kneese de Mello recebeu Prêmio de Honra e diploma pelo conjunto de residências, na categoria "Edifícios e Monumentos Privados". Ele seria o responsável pela fundação do departamento estadual do IAB em São Paulo, em 1943, presidindo a instituição de 1943 a 1949. Segundo matéria publicada no jornal *Diário do Povo*, de 23/02/1945, intitulada "A exposição *Brazil Builds* será inaugurada na próxima terça-feira", o presidente do Instituto de Arquitetos de São Paulo, o engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello estaria presente no ato inaugural da mostra. Vale salientar que Penteado e Kneese de Mello já se conheciam desde 1940, por ocasião do Congresso de Montevidéu, do qual ambos participaram e receberam prêmios.

(28) Em nota publicada no *Boletim Semanal do Rotary Club*, de 17/9/1939, consta a seguinte informação: *"(...) Mário Penteado, no próximo sábado, deverá deixar Campinas com destino aos Estados Unidos da América do Norte, onde deverá representar o Brasil, como delegado oficial no Congresso Internacional de Arquitetura, a realizar-se de 23 a 30 de setembro, em Washington. Mário Penteado, por indicação honrosa do Instituto dos Arquitetos do Rio de Janeiro, foi nomeado pelo Presidente da República para representar o nosso país no referido Congresso."*

(29) Roteiro da versão brasileira da exposição *Brazil Builds* (QUEZADO, 2001, p. 226)*:*

1943 – Nov./dez. – Rio de Janeiro (Ministério da Educação e Saúde);

1944 – fev. – Belo Horizonte (Ed. Mariana);
Mar./abr.– São Paulo (Galeria Prestes Maia);
Abr./maio – Santos (Associação dos Engenheiros de Santos);

1945 – fev. – Campinas (Teatro Municipal);
fev. – Curitiba ;
fev. – Florianópolis;
fev. – Porto Alegre;
out. – Jundiaí;

1946 – jul. – Franca.

1. Vide tabela contendo dados referentes às populações de São Paulo, Rio de Janeiro e Campinas

ANO	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO	CAMPINAS
1920	1.157.873	579.033	115.567
1930	1.505.595	887.810	-
1935	1.711.466	1.120.405	132.819
1940	1.764.141 (1ª)*	1.318.539 (2ª)*	131.642 (22ª)*
1950	2.377.451 (1ª)*	2.198.096 (2ª)*	152.547 (21ª)*
1959	3.123.984	3.490.355	219.303

*Colocação da cidade no *ranking*, segundo números de habitantes

Fonte: IBGE

Bibliografia

AMARAL, Aracy. Modernistas e *Art Déco*. In: ART DÉCO NA AMÉRICA LATINA – 1º SEMINÁRIO INTERNACIONAL, 1997, Rio de Janeiro. *Anais*... Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro/SMU, Solar Grandjean de Montigny – PUC-RJ, 1997.

BADARÓ, Ricardo. *Campinas: O despertar da modernidade*. Campinas: Área de Publicações CMU-UNICAMP, 1996.

BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

___. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRAZIL BUILDS. *Installation list*. Nova York: Museum of Modern Art, 1993.

CAVALCANTI, Lauro (Org.). *Quando o Brasil era moderno: Guia de Arquitetura 1928-1960*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

___. *Preocupações do belo*. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1995.

___. *Moderno e brasileiro: A história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-1960)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

CORREIO POPULAR. A próxima inauguração em Campinas da exposição *Brazil Builds*. Campinas, 20 de fevereiro de 1945.

___. Exposição *Brasil Builds* em Campinas. Campinas, 22 de fevereiro de 1945.

___. Inaugura-se depois de amanhã exposição *Brasil Builds*. Campinas, 25 de fevereiro de 1945.

___. Inaugura-se hoje a exposição *Brazil Builds*. Campinas, 27 de fevereiro de 1945.

___. Inaugurada ontem a exposição *Brazil Builds*. Campinas, 28 de fevereiro de 1945.

COSTA, Lúcio. *Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

COSTA, Xavier; HARTRAY, Guido (Org.). *Sert, architect a New York*, Nova York, 1997.

DIÁRIO DO POVO. A exposição *Brazil Builds*. Campinas, 23 de fevereiro de 1945.

___. Inaugura-se terça-feira a exposição *Brazil Builds*. Campinas, 25 de fevereiro de 1945.

___. Inaugura-se hoje a exposição *Brazil Builds* no *foyer* do Municipal. Campinas, 27 de fevereiro de 1945.

___. Inaugurou-se ontem a exposição *Brazil Builds*. Campinas, 28 de fevereiro de 1945.

GOODWIN, Philip. *Brazil builds. Architecture new and old. 1652-1942*. Nova York: MOMA, 1943.

LEFEBVRE, Henri. *Introdução à modernidade. Prelúdios*. São Paulo: Paz e Terra, 1969.

LIENUR, Jorge Francisco. The South American Way: *Block n. 4*, Buenos Aires: Universidad Torcuato Di Tella, 1999.

LIVRO DE ACTAS da Câmara Municipal de Campinas da Villa de São Carlos. Biblioteca da Câmara Municipal de Campinas: Campinas, 1937.

LOURENÇO, Maria Cecília França. *Operários da modernidade*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1995.

MINDLIN, Henrique. *Arquitetura moderna no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano editora/Iphan, 2000.

MOURA, Gerson. *Sucessos e ilusões: Relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

___. *Tio Sam chega ao Brasil: A penetração cultural americana*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OCKMAN, Joan. The war in America: New York, new monumentality. IN: COSTA, Xavier; HARTRAY, Guido (Org.). Sert, architect a New York. Nova York: DAP – Distributed Art Publishers, 1997.

PENTEADO, Mário. *Arquitetura moderna brasileira*. Campinas: Rotary Club de Campinas, 1944.

QUEZADO DECKKER, Zilah. *Brazil built. The architecture of the modern movement in Brazil*. Londres/Nova York: Spon Press, 2001.

SANTOS, Antonio da Costa. *Campinas: Das origens ao futuro*. Campinas: UNICAMP, 2002.

TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: A americanização do Brasil na época da Segunda*

Nota do Editor
Data de submissão: setembro 2009
Aprovação: março 2010

Silvia A. Palazzi Zakia
Arquiteta e urbanista pela FAU-PUCCAMP (1986), mestre pelo CEATEC – PUCCAMP (2004), doutoranda pela FAUUSP e bolsista da Fapesp.
Rua Maranhão, 88 Higienópolis.
01240-000 – São Paulo, SP
(11) 3257-7688
zakia@uol.com.br